

# caos e amor

becky s. korich



Rio de Janeiro, 2023

AMOSTRA

# sumário

03	você decide
11	a fuga
17	todos os signos em um dia
23	enquanto isso...
29	a insustentável leveza de um dia sem problemas
35	a segunda pele
39	cheiros
45	caos e amor
51	o antimanual do casamento
57	página um
63	carta para um filho adolescente
67	sempre me acontece
71	a hora da guerra
77	amar não é só uma questão de amar
81	os gêmeos
87	casa comigo?
93	quero ser idiota
97	a falta que a falta faz
101	fogo! um incêndio em plena pandemia

107	confissões das mulheres de 50
113	você já mentiu hoje?
119	homens, empoderem-se
123	a anatomia da alma
129	as três eus
135	amigos jeans e camiseta
139	um trilhão por um triz
145	a casa da vó
149	testosterona X estrogênio
155	vai passar
159	terapias paralelas
167	medo, medinho, medão
171	uma boa ouvinte
175	infelizes felizes
179	o erro formal
185	a história de um amor tóxico
189	sem rima, sem rotina
195	uma d.r. com o tempo
199	desmemoriada, eu?

AMOSTRA

AMOSTRA

01

38



# você decide

Chegaram ao quinto andar do Fórum Central em elevadores diferentes, dez minutos antes da hora da audiência. As portas dos elevadores se abriram sincronizadas, seus olhares se encontraram e, com a mesma sincronia dos elevadores, eles se cumprimentaram cordialmente. Era estranho, depois de quinze anos de beijos, agora é aperto de mão frouxo, como se nunca tivessem antes apertado seus corpos. Cada um se sentou em um banco de madeira na frente da sala de audiência ao lado de seu advogado. Ele roía as unhas, ela descascava o esmalte. Ela conteve a sua vontade instintiva e não pediu para ele parar de roer as unhas, *isso já não é mais problema meu*, pensou. Ele reparou que ela estava bronzeada, linda, e sentiu raiva por ela estar tão deslumbrante.

A pauta de audiência estava atrasada e os advogados aproveitaram o tempo para tentar um acordo, deixando os clientes na espera.

Sem ter para onde ir e olhar, eles apelaram para a segurança do celular. Ela tentou redes sociais, notícias, checkou os e-mails. Ele organizou o álbum de fotos, em que ela era a protagonista de quase todas; sofreu e fugiu do registro de lembranças felizes para não desabar. Os dedos roídos o levaram para o WhatsApp. E arriscou uma mensagem para ela.

Oi.

A história, aqui, se bifurca em dois desfechos.

#### FINAL 1:

Ela visualizou a mensagem. Seu coração pulou. Esperou alguns minutos com uma frieza forçada, e respondeu.

Oi.

— Vc tá linda

mensagem apagada.

— ?????

— O q a gente tá fazendo aqui?

— Não sei, pergunte p sua advogada gostosona

mensagem apagada.



— ???? rs

— Não sei, pergunta p sua advogada.

— To perguntando p vc.

— Que papo é esse agora? Já não tá satisfeito c td o estrago?

— Quero saber qdo vc deixou de gostar de mim, e pq? Eu acho q tenho o direito de saber.

— Vc tem o direito de falar sobre o q VC sente e não concluir o q EU sinto e ainda querer uma explicação.

— Se vc soubesse o qto te amo

mensagem apagada.

— Meus sentimentos nunca mudaram.

Ela não respondeu. Eles se olharam. Ela guardou o celular na bolsa, mas alguns minutos depois ela se rendeu e escreveu.

— Então pq?

— N sei. Só sei q eu n quero + te fazer sofrer. Eu n consigo te fazer feliz, n consigo transmitir o tamanho do meu amor por vc”

— Isso n bate. Você tá indiferente, agressivo, desinteressado. É isso q vc chama de amor?

— Nunca, nenhum dia da minha vida desde q a gente se conheceu, eu fiquei indiferente a vc. Eu juro, pode ser tudo... defesa, insegurança, menos desamor. Rejeitado por vc, sou incapaz de ficar bem. Pode até parecer agressividade, mas tá + p frustração, desespero.

— Isso n faz nenhum sentido.

E a conversa continuou. O atraso do juiz fez com que eles resolvessem os seus próprios atrasos. Teclaram e declararam sentimentos que há tempos não conseguiam verbalizar.

— Ok, isso já é passado. Vamos cair na real.

— Então diz q você n me quer mais.

— Isso n é mais da sua conta. Aliás, para de roer essas unhas, vai ficar em carne viva.

— Vc andou tomando sol nessas 3 últimas semanas sem mim?

— Maquiagem.

— Vc não eh disso.

— Pois é, a gente muda. E maquiagem disfarça rostos abatidos.

— Vambora daqui.

— Vc é louco.

— Sim. Sou louco. Por vc. Vamo!

Ela riu, colocou a mão na cabeça como querendo conter a loucura de seus pensamentos. E respondeu:

— A francesa! Igual a gente faz nas festas chatas.

Os dois se encontraram nas escadas, se beijaram, riram como dois adolescentes irresponsáveis e fugiram igual uma noiva foge da igreja com o buquê na mão sem saber para onde ir. Saíram correndo do Fórum e desembocaram na Praça da Sé, o marco zero da cidade. E aproveitaram para traçar um novo marco zero. Prometeram não passar nenhum dia sem conversar, sem se abraçar e nunca mais serem econômicos no amor, porque quanto mais se gasta no amor, mais ele rende.

Compraram, lá mesmo, no coração da cidade, um novo par de anéis. Duas alianças simples e leves. Era assim que prometeram que seria a sua nova aliança: simples e leve.

Enquanto isso, no quinto andar, a advogada bonitona e o advogado engravatado, sem notar o vazio no banco de madeira, tinham conseguido o melhor acordo de suas carreiras e procuravam entusiasmar seus clientes para dar-lhes a boa notícia.

## FINAL 2:

Ela visualizou a notificação da mensagem. Seu coração pulou. Mas era só um “oi”, e para ela isso era pouco. Esperou o seu coração se acalmar e não respondeu à mensagem.

Ele tentou de novo.

— N finge q vc não leu minha msg. As 2 setinhas estão azuis. rs

Pronta para esboçar um sorriso e responder, ela foi freada pelo orgulho. Acabou optando por ignorar a mensagem e mergulhar no amargo dos ressentimentos. Ainda assim, no fundo, ela esperava uma terceira tentativa. Dessa vez, ela responderia.

Ele até pensou em insistir mais uma vez, mas desistiu. E começou a endurecer junto com ela. Fez uma força para engolir o amor em seco, na estiagem de sua desesperança.

Ela se grudou nas mágoas internas e uma teia de rancores se formou dentro dela. Fingiu que não era mais amor.

Ele apagou as fotos dela. Roeu as unhas até se machucar.

Doía tudo nele.

Doía tudo nela.

Conforme esperavam pelo chamado do juiz, foram ficando mais duros do que os bancos de madeira em que se sentavam.

Como autor e réu, eles foram apregoados. Escoltados por seus advogados, os dois entraram na sala de audiência.

A porta se fechou.

Você decide qual é o seu final. No final das contas, é sempre você que decide.

AMOSTRA

02

38



# a fuga

“Me dê um abrigo, por favor!”

Ela usava óculos escuros, um chapéu enorme e uma echarpe que cobria quase todo o seu rosto. Olhava com ansiedade para os dois lados, tal qual uma fugitiva. “Muito prazer, sou a Felicidade.”

Fui imediatamente seduzida por sua identidade e, sem perguntas, a fiz entrar. Ela se desfez do disfarce, me explicou que era para passar anônima pelas 8 bilhões de pessoas que a perseguiam.

Felicidade estava abatida, pálida, sem brilho e, embora ostentasse um protocolar sorriso na boca, tinha um olhar ansioso. Confesso que fiquei um pouco desapontada quando a vi pessoalmente e de cara lavada. Não que ela não fosse linda, mas sempre imaginei Felicidade vigorosa, bronzada, poderosa, charmosa, soberana.

Ficamos alguns minutos em silêncio. Enquanto ela se acomodava no sofá, eu organizava minhas emoções provocadas pela inesperada — e sempre esperada — visita daquela estranha conhecida. Trocamos olhares, e eu, confusa, não sabia se retribuía o sorriso de Felicidade, pois, apesar de estar cara a cara com ela, estranhamente eu não tinha vontade de sorrir.

Para quebrar o gelo, ofereci um chocolate quente com biscoitos. “Isso sim é a verdadeira felicidade!”, exclamou Felicidade.

Felicidade ficou até mais corada. Mas assim que começou a raciocinar trouxe de volta o sorriso obrigatório que ela estava fadada a carregar. Aproveitei o gancho e arrisquei: “Esquece esse sorriso, relaxa. Estamos aqui só você e eu. Pode tirar os sapatos e colocar os pés na mesa.”

“Estou exausta”, começou ela. E desandou a falar. Contou-me que todos a desejavam sem sequer saber quem ela era de verdade, nem mesmo se ela realmente existia. Desejavam-na, mesmo sabendo que nunca a teriam por completo, talvez justamente por essa razão.

“Me entregam listas intermináveis de pedidos. Me cobram dinheiro, família, saúde, amigos, liberdade, viagens, vinganças, paixões, comidas, troféus, beleza, prazeres. Se dou dinheiro, querem mais. Se dou chocolates, querem magreza. Se dou liberdade, me pedem socorro. Se dou beleza, a querem para sempre. Percebe meu papel ingrato? Nunca vou caber nas pessoas se elas não entenderem que não sou uma causa, um fim. Rezo diariamente para as pessoas encontrarem a Paz, quem sabe assim elas me deixam um pouco em paz. Porque a Paz é maior do que eu e, no entanto,



ela está quieta e tranquila no seu canto meditando, enquanto as pessoas brigam e se quebram por minha causa.”

Expliquei que é humano buscar a felicidade e que não damos nenhum passo na vida sem tê-la no horizonte.

“O que escapa saber é que não existe *ser* feliz, existe sim *estar* feliz. Falta-lhes dominar a sabedoria de conseguir *ser* feliz com esse *estar* feliz”, sentenciou ela. E prosseguiu: “Acontece que algo dentro de vocês deseja prolongar os prazeres e perpetuar o sentimento de felicidade. O *everlasting* do contentamento pleno. O êxtase sem fim.”

Segundo Felicidade, esse contentamento, onipresente, em alto volume nos nossos ouvidos nos ensurdecia, assim como a luz sem trégua feriria nossas retinas. “Quem suportaria apenas sorrir, apenas ganhar? Como nasceriam os seus novos desejos, se tudo acontecesse de acordo com os seus querer?”

Ouvi atentamente seu desabafo e cheguei a sentir pena da Felicidade. Não deve ser fácil ser ela. Por outro lado, conhecendo-a mais de perto fiquei encantada, percebi como sua essência era leve, simples, despreziosa, bem-humorada. Naturalmente bela, sem precisar de exagero nem de maquiagem.

Ficamos juntas sem pausas até o anoitecer, e apesar das boas risadas e das conversas gostosas, um dia inteiro, só eu e a Felicidade, me exauri; não conseguiria dormir com aquele contentamento todo plugado em mim. Minha felicidade precisava de repouso, para que a vida acontecesse no dia seguinte.

Inventei uma desculpa qualquer e quando nos despedimos a fiz prometer que voltaria de tempos em tempos. Antes de partir, Felicidade me agradeceu pelos biscoitos, pelo pé na mesa, enfim, pela trégua de sua própria felicidade. Vestiu o disfarce e se foi, para procurar outro abrigo.

AMOSTRA

AMOSTRA